

POESIA E CINEMA: UNIVERSOS DA IMAGEM E DA PALAVRA EM CONEXÃO

Alderon Marques

Alpha 60: “o que transforma a noite em luz?”
Lemmy Caution: “a poesia”
(Filme *Alphaville*)

Minicurrículo

Graduação e Licenciatura em Psicologia e Formação de Psicólogo, Universidade Estadual do Piauí. Sanitarista e Especialista em Saúde da Família, Faculdade Internacional de Curitiba. Especialista em saúde Mental, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Psicanalista, membro fundador do Corpo Freudiano Seção Teresina. Atua como psicólogo do Centro de Atenção Psicossocial Infantil em Timon, Maranhão. Presta atendimento nas clínicas Psicoanálise e Vidapsi, Teresina – Piauí. Como docente da Faculdade Ademar Rosado no Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, também supervisiona os estágios finais nos Centros de Atenção Psicossocial. Sócio-poeta, Sociedade dos Poetas Porvir. Cine Clubista, Cine Clube Olho Mágico, Associação dos Docentes da Universidade Federal do Piauí (ADUFPI).
e-mail: alderonmarques@hotmail.com

A proposta de estabelecer num cine clube um ciclo unindo poesia e cinema não nos parece despropositada. Ao contrário, como dois universos de produção humana, um mais ligado ao campo da palavra, outro, mais ligado ao campo da imagem, poesia e cinema se desconectam e se conectam em diferentes textos e contextos, sendo de um grande desafio semiológico, como nos diz Barthes (1996), essa interface. cremos que, nesse processo articulado, a poesia contribui para o cinema e o cinema para a poesia numa relação estreita de troca, não necessariamente dialética, mas dialógica, como nos diz Bakhtin (1992).

A poesia é uma forma de expressão literária que surgiu simultaneamente com a música, a dança e o teatro, em época que remonta à Antiguidade histórica (ENCICLOPÉDIA Delta Universal, 1982). Basta recorreremos às primeiras grandes produções humanas com as letras que temos notícia e já identificamos para além da transmissão ou registro de um acontecimento um algo a mais, um elemento que destacamos como a cadência, o ritmo, a sonoridade, muito bem identificados na poesia, assim como nas demais artes.

Mas o que é a poesia? É possível defini-la? O poeta brasileiro Cassiano Ricardo nos expõe seu prisma justamente por meio de uma poesia, quando se indaga “Que a poesia? Uma ilha cercada de palavras por todos os lados” e ainda pergunta sobre o poeta, “Que é o

poeta? O homem que trabalha o poema com o suor de seu rosto um homem que tem fome como qualquer outro homem”. O anteriormente exposto reflete, com nitidez, em nossa opinião, nem endeusamento nem endiabramento da figura do poeta, mas resgata mesmo sua condição de homem.

Noutros termos, a poesia pode ser entendida como texto literário, em prosa ou em verso, que se caracteriza pela linguagem sugestiva, conotativa, metafórica, figurada, criativa e inusitada – a chamada função poética. Logo, a poesia, a palavra que é sua base, tem uma função, diríamos mesmo, várias funções na vida de quem com ela trava a batalha, como diz Drummond “Lutar com palavras é a luta mais vã. Entanto lutamos mal rompe a manhã... Palavra, palavra (digo exasperado), se me desafia, aceito o combate”.

O cinema, que etimologicamente significa movimento, é a técnica de arte de fixar e de reproduzir imagens que suscitam a impressão de sequência temporal, assim como a indústria produtora dessas imagens. As obras cinematográficas, os ditos filmes, são produzidas através da gravação de imagens do mundo com câmeras adequadas, ou pela sua criação utilizando técnicas como a animação e / ou efeitos visuais específicos.

Os filmes são assim constituídos por uma série de imagens impressas em determinado suporte, alinhadas em sequência, chamadas fotogramas. Quando essas imagens são projetadas de forma rápida e sucessiva, o espectador tem a ilusão de observar movimento. O espectador tem a ilusão de movimento, devido a um efeito psicológico, chamado movimento Beta ou fenômeno Beta. Trata-se de uma ilusão de percepção, descrita pelo psicólogo da Gestalt, Max Wertheimer, em 1912, na obra “Estudos experimentais na visualização do movimento”, de Pereira (2012). Segundo a teoria, duas ou mais imagens estanques, próximas entre si, surgindo uma depois da outra em sequência, são “vistas” pelo cérebro como uma única imagem em movimento.

O cinema é um artefato cultural criado na França ao final do século XIX pelos irmãos Lumière, o qual, posteriormente, se irradiou pelo restante do mundo. Na tela de projeção, notamo-nos através das imagens e refletimos e, por sua vez, somos afetados. A poesia também tem o valor cultural de transmissão de percepção e sentimentos oriundos de um dado povo e momento histórico, assim como valor universal diante de questões eminentemente humanas.

Ambas, poesia e cinema, são artes poderosas, de alcance popular. Destinando-se a educar ou “doutrinar”, torna-se um método eficaz de influenciar os cidadãos. É a imagem animada que confere aos filmes seu poder de comunicação universal, assim como a palavra

articulada confere aos poemas seu poder de tocar os leitores de modo profundo, daí pensarmos em possibilidades de conexões entre elas.

A poesia é som – palavras. O cinema é luz – imagens. Deste modo, é possível construirmos um hiato entre ambos. Hiato que produz encontros quando as artes são aproximadas discursivamente e produtivamente por diversos artistas. Para o cineasta Carlos Diegues, “seria bom poder filmar como quem escreve”, no que o escritor João Gilberto Noll rebate: “seria bom poder escrever como quem filma”. Nessa perspectiva, a fala do poeta Manuel de Barros elucidada que “para fazer poesia convém primeiro passar os olhos pelo cinema. É a ocupação da palavra pela imagem” ao qual o cineasta Néelson Pereira dos Santos retruca dizendo que “para fazer cinema convém primeiro passar os olhos pela literatura. É a ocupação da imagem pela palavra”. (AVELLAR, 2007, p. 5)

Observamos que para melhor proveito de ambas as artes, devemos nos permitir vivenciar essa sinestesia múltipla de sensações que nesse processo intersemiótico elas são capazes de nos transmitir e afetar. Ler um poema e ver um filme separadamente é uma coisa, aproveitar um poema que tem a riqueza imagética do filme ou um filme que tem a riqueza de pura poesia, é outra coisa.

Concluimos citando uma frase do filme *Alphaville* (1965), de Jean Luc Godard “Às vezes, a realidade é muito complexa pela transmissão oral, mas a lenda encarna isso em uma forma que permite que isto se espalhe no mundo inteiro”. Essa lenda bem pode ser fruto da conexão entre poesia e cinema!

Referências

ALPHAVILLE. Direção: Jean Luc Godard. 1965. DVD. 99 min. son. p&b, legendado.

AVELLAR, J. C. **O chão da palavra**: cinema e literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, R. **Elementos da semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1996.

ENCICLOPÉDIA Delta Universal. Rio de Janeiro: Delta, 1982. v. 12, p. 6500-6505.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica / Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 1, n. 1, p. 188-191, jul. / dez. 2013.

PEREIRA, C. **Fragmentos instantâneos**: um estudo do mecanismo cinematográfico bergsoniano na pintura Nu descendo uma escada de Marcel Duchamp. Uberlândia, 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica / Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 1, n. 1, p. 188-191, jul. / dez. 2013.